

PRÁTICAS DE ESCRILEITURA DE FAKE NEWS NO UNIVERSO DIGITAL

Rivaldo Capistrano Júnior
Pós-doutorando em Língua Portuguesa (PUC-SP)

Kátia Regina Franco
Mestranda em Língua Portuguesa (PUC-SP)

RESUMO

Este artigo discute como elementos linguísticos e informáticos dos tecnodiscursos cofuncionam para a construção dos efeitos de sentidos de *fake news* publicada no X, e reflete sobre quais habilidades são acionadas para leitura e escrita de textos nativos do ambiente digital. À luz da Linguística Textual em interface com a Análise do Discurso Digital, adotou-se a metodologia de análise amostral ecossistêmica (PAVEAU, 2021) da textualidade nativa digital. As *fake news* parecem ter encontrado um ambiente propício de produção e disseminação no universo digital, usando ferramentas e recursos da plataforma em cofuncionamento com elementos linguageiros para a construção dos possíveis sentidos pretendidos pelo enunciador e realizados pelos escreleitores.

Palavras-chave: Escrileitura. Ecossistema. *Fake news*. Tecnodiscurso.

FAKE NEWS READ-WRITING PRACTICES IN THE DIGITAL UNIVERSE

ABSTRACT

This article discusses how linguistic and computer elements of technodiscourses working together to construct the meanings of fake news published on X, and reflects on which skills should be developed in teaching reading and writing texts native to the digital environment. Based on the assumptions of Textual Linguistics in interface with Digital Discourse Analysis, the ecosystem analysis methodology (PAVEAU, 2021) of native digital textuality was adopted. Fake news seems to have found a favorable environment for production and dissemination in the digital universe, using platform tools and resources in co-operation with language elements to construct the possible meanings intended by the enunciator and carried out by the read-writers.

Keywords: Read-Writing. Ecosystem. Fake news. Technodiscourse.

Introdução

À luz dos estudos da Linguística Textual (LT), especialmente das categorias textuais referência e intertextualidade, parte-se do pressuposto de que o uso da linguagem é regido pela intenção dos sujeitos e, conseqüentemente, todo texto é guiado por uma orientação argumentativa (ELIAS; CAVALCANTE, 2017). Nesse sentido, e de acordo com Amossy (2017), o texto, ainda que não se proponha a persuadir, põe em evidência uma dimensão argumentativa, que diz respeito à transmissão de um ponto de vista sobre as coisas do mundo.

Tendo como objeto de análise amostral uma *fake news* publicada na rede social X, *ex-Twitter*, estabeleceu-se uma interface com a Análise do Discurso Digital (ADD) considerando as especificidades dos gêneros textual-discursivos nativos do universo digital para compreender o funcionamento das produções e interações comunicativas nesse espaço discursivo público. Nesse viés, assume-se que a investigação dos textos digitais (tecnodiscursos ou tecnotextos) compele o analista a uma perspectiva ecossistêmica em detrimento de uma análise logocentrada (PAVEAU, 2021).

Em busca de compreender, ecossistemicamente, a textualização das *fake news* no ambiente digital da rede social, as perguntas norteadoras são: Como os processos de referenciação e de intertextualidade são mobilizados em conjunto com os recursos tecnológicos nessa produção na *web*? Quais estratégias são usadas, por via das emoções, para provocar efeitos de sentidos de visada patêmica (CHARAUDEAU, 2007, 2022) induzindo reações dos interlocutores no universo digital.

Em vista disso, num primeiro momento, discutem-se as características do tecnodiscurso, segundo Paveau (2021), em diálogo com a textualização das produções *on-line*, observando-se os impactos relacionados à construção de sentidos na situação de comunicação. Em seguida, apresenta-se o complexo conceito de *fake news* (BENTES; SOUZA-SANTOS, 2023; SHU *et al.*, 2017; TANDOC JR.; LIM; LING, 2018; WARDLE; DERAKHSHAN, 2017) e as potencialidades do ecossistema digital para provocar efeitos de interação entre os internautas, na relação simétrica entre linguístico e tecnológico. Elegem-se as categorias textuais referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003) e intertextualidade (CARVALHO, 2018); e os tecnogestos enunciativos dos cliques (PAVEAU, 2021) para observar como elementos linguísticos e informáticos dos tecnodiscursos cofuncionam para a construção dos sentidos da *fake news* postada no X, *ex-Twitter*, numa ação de escrita. Observa-se também quais estratégias são usadas, por via das emoções, para provocar efeitos de sentidos de visada patêmica (CHARAUDEAU, 2007, 2022) induzindo reações dos interlocutores no universo digital. Por fim, nas considerações finais, expõe-se sobre as possibilidades de construção dos efeitos de sentidos provocados pela escrita do tecnogênero *fake news* no universo digital.

Tecnogêneros do discurso

A escrita digital se configura como um campo de investigação multifacetado, no qual a imbricação entre linguagem e tecnologia assume um papel central. Nesse contexto, a Interface de Programação de Aplicativos (API – *Application Programming Interface*) emerge como um

elemento fundamental na construção dos gêneros discursivos digitais, impondo restrições e formatações específicas que impactam significativamente a dimensão enunciativa. Tais restrições afetam todo o conjunto de elementos discursivos (PAVEAU, 2021), incluindo a construção dos sentidos dos objetos de discurso convocados no compósito do texto por meio da referenciação, da intertextualidade e dos gestos tecnodiscursivos como estratégias argumentativas a fim de convencimento.

Primeiramente, no que tange à estruturação dos gêneros textuais, as APIs definem parâmetros rígidos que moldam a organização e a apresentação dos elementos discursivos, como observadas na formatação de *hiperlinks*, na inserção de imagens (estáticas ou em movimento) e de vídeos, e na construção de interfaces interativas. Essas ações podem, em segundo lugar, exercer influência sobre a construção dos sentidos dos enunciados, quando, por exemplo, o autor seleciona palavras-chave para serem clicáveis e induzirem leitura de outros conteúdos que, numa referenciação intertextual (CUSTÓDIO FILHO, 2015), ampliam as informações do texto original. De igual maneira, a escolha de recursos multimodais impacta a forma como os significados são negociados e construídos no contexto digital bem como os gestos tecnodiscursivos, entendidos como ações estratégicas que visam persuadir o interlocutor no contexto digital para comentar, curtir e compartilhar, também são mediados pelas APIs. A utilização de *emoticons*, *gifs*, memes e outras ferramentas digitais configuram-se como recursos argumentativos que amplificam as possibilidades expressivas da escrita digital.

Nesse cenário, as restrições algorítmicas afetam todo o conjunto de elementos dos discursos digitais convocado no compósito do texto por meio da referenciação, da intertextualidade e dos gestos tecnodiscursivos como estratégias argumentativas a fim de convencimento. Discurso digital diz respeito ao discurso produzido no espaço digital da *web 2.0* e, segundo Marie-Anne Paveau, deve

ser abordado enquanto tecnodiscurso, sendo o prefixo *tecno-* não apenas um morfema que busca alterar o sentido do radical, mas uma opção teórica que o modifica, alterando também a episteme tradicional das ciências da linguagem. Falar em tecnodiscurso, tecnolopalavra, tecnosigno, tecnogênero do discurso, tecnografismo, entre outros termos, é afirmar que os discursos digitais nativos não são de ordem puramente linguageira, mas que as determinações técnicas constroem as formas linguageiras (COSTA; BARONAS *apud* PAVEAU, 2021, p. 22).

Assume-se, com base nessa definição, que qualquer investigação cujo objeto seja textos produzidos na internet, obrigatoriamente, deve considerar todos os elementos que compõem a produção tecnodiscursiva, sem prescindir da intrínseca relação homem, máquina, sociedade.

Paveau (2021) apresenta seis características que impactam a escrita e a leitura dos tecnodiscursos, a saber: composição, deslinearização, ampliação, relacionabilidade, investigabilidade e imprevisibilidade, noções as quais sintetizamos a seguir.

No que se refere à composição, os tecnodiscursos são compósitos, entendido como uma constituição hibridada por matéria linguageira e tecnológica de ordem informática, que pode ser percebida pela manifestação de *hashtags*, pseudônimo, por exemplo, ou não notada, já que são dependentes de programações de APIs. Por sua vez, a deslinearização diz respeito aos textos não serem necessariamente desenvolvidos por um eixo sintagmático, permitindo que os discursos digitais sejam coconstruídos pelo internauta, de forma não linear, na medida em que aceita executar o gesto de clicar num *link* e ser direcionado do texto original para outro texto alvo. Essa é a principal natureza dos gêneros digitais que deu origem ao conceito de *escreitor*, isto é, o usuário leitor se torna produtor e interlocutor dos discursos aos quais está exposto. (PAVEAU, 2021).

A terceira característica, a ampliação, é definida pela possibilidade de uma enunciação ser ampliada devido à natureza de conversacionabilidade da *web 2.0*, a *web social*, marcada pelos comentários feitos às publicações (de *blogs*, *sites* de notícias e redes sociais) como também pela escrita colaborativa de documentos, por exemplo. A quarta característica do tecnotexto diz respeito à relacionabilidade constitutiva de todos os textos *on-line*, graças à reticularidade da internet que põe todos os discursos em relação algorítmica com outros discursos, com os aparelhos usados para a escrita digital, com os escritores e com os *escreitores*. (PAVEAU, 2021).

Paveau (2021) também apresenta a investigabilidade como característica que dá conta do armazenamento indestrutível de todos os escritos na *web*, onde nada pode ser esquecido, tornando-os localizáveis a qualquer tempo devido à situação de seus metadados serem interiores a eles, em comparação com os pré-textos cujos elementos pré-textuais lhe são externos. A última característica dos tecnogêneros está relacionada à imprevisibilidade, para os enunciadores humanos, de saberem quais finalidades e destinos seus textos receberão. Isso significa que, produzidos pelo homem e por programas e algoritmos, os discursos passam de um lugar de enunciação a outro como também seu conteúdo pode ser redocumentado numa lista de discursos nativos dispersos na *web*, compondo outro conteúdo original.

Destaca-se, ainda, como especificidade dos tecnodiscursos, as manifestações do *escreitor* nos comentários estabelecidos pelas ações dos gestos tecnolinguageiros, especialmente nas redes sociais. Os enunciados de gestos são um tipo de comentário digital

relacional, como a curtida e o favoritar/gostei, por serem não linguageiros e produzirem “um discurso implícito” Paveau (2021, p. 107). Ligados aos tecnosignos, a autora entende que expressam emoções ou aprovação, dentre outras significações, cujos sentidos só podem ser apreendidos no contexto comunicativo.

Considerando esses aspectos do tecnodiscurso, revela-se um intrincado panorama em que tecnologia e linguagem se entrelaçam, moldando a estrutura dos textos *on-line* e a construção dos sentidos na comunicação tecnodiscursiva. A compreensão dessas implicações na produção textual digital é fundamental para o desenvolvimento de uma visão crítica e reflexiva sobre as práticas comunicativas na internet, e em especial das *fake news*, a fim de promover a competência reflexiva sobre a credibilidade nessas publicações.

Conceito de *fake news* e as potencialidades no ecossistema digital

Fake news é uma expressão originada do inglês, usada desde o final do século XIX (FAKE NEWS, 2017), mas que se popularizou em todo o mundo para denominar informações falsas publicadas, especialmente, em redes sociais, no século XXI. A expressão está em pauta nos meios de comunicação, nos noticiários, nas sessões do Congresso Nacional e até em investigações feitas por Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). Mais do que voltar ao uso corrente, o termo contribuiu para prejudicar a confiança da sociedade nas notícias veiculadas pelos agentes autorizados, como os meios de imprensa tradicionais, e para atacar instituições oficiais que mantêm a organização política, jurídica e social do Brasil, como o TSE e o STF. Podemos dizer que “*fake News*” é uma expressão nova, considerando a proeminência do uso dessa construção linguística na contemporaneidade e a amplitude dada ao significado de “*News*”, especialmente, e ao de “*fake*”. Quando juntas, descrevem publicações nas quais o conteúdo é manipulado com fins de direcionamento de sentidos escusos pretendidos por um enunciador, quase sempre, representando uma visão de grupo.

De modo geral, pesquisadores tomam o fenômeno das *fake news* em dois sentidos: amplo e restrito. Em sentido amplo, alguns autores (cf. RUBIN *et al.*, 2016; BALMAS, 2014) se concentram na autenticidade ou na intenção do conteúdo da postagem, incluindo, nessa perspectiva, a sátira como *fake news*, embora o conteúdo seja constitutivamente falso e voltado para o entretenimento, intenção que é revelada para seu público. No sentido mais restrito, as *fake news* são concebidas como notícias intencional e comprovadamente falsas, a fim de enganar leitores (cf. SHU *et al.*, 2017; CONROY *et al.*, 2017; KLEIN; WUELLER, 2017). Para Shu *et al.* (2017), conceber as notícias falsas de modo restrito permite eliminar ambiguidades

entre o conceito de *fake news* e outros conceitos relacionados como os de sátira, de rumores que não se originaram de fatos comprovadamente verdadeiros, de teorias da conspiração, de desinformação criada voluntariamente e de farsas e boatos motivados apenas por diversão ou direcionados para atingir determinados indivíduos.

Wardle e Derakhshan (2017) entendem que a expressão *fake news* é empregada para se referir a fenômenos diferentes, inclusive a sátiras. Por conta disso, propuseram uma nova terminologia para o que denominam de fenômeno de desordem de informação (*information disorder*) visando a não simplificar a desinformação. A desordem da informação, de acordo com os autores, é composta por *misinformation*, concebida como informação falsa compartilhada, mas sem intenção de prejudicar algo ou alguém; *disinformation*, informação falsa criada e compartilhada deliberadamente para causar danos, e *malinformation*, informação verdadeira compartilhada com a intenção de prejudicar.

De outro prisma, a percepção de Tandoc Jr., Lim e Ling (2018) sobre o fenômeno das *fake news* compete com as mídias tradicionais de informação por meio de narrativas jornalísticas e componentes noticiosos. Ao emularem elementos da notícia, no sentido de simular uma aparência de relato dos acontecimentos do cotidiano de determinado domínio ou região e de forma objetiva, imprimem, na informação falsa, o caráter de credibilidade e legitimidade, função social do jornalismo profissional.

Para Bentes e Souza-Santos (2023), a partir da reflexão de Bourdieu sobre campo jornalístico e da concepção de língua como prática social de Hanks, postulam *fake news* como “práticas comunicativas estruturadas por meio de uma produção textual de larga escala” (BENTES; SOUZA-SANTOS, 2023, p. 1), concebida e incorporada pelos campos jornalístico e político. Para os autores, as *fake news* simulam características textual-discursivas desses campos e, simultaneamente, contribuem para deteriorar a credibilidade das instituições, dos agentes estatais e procedimentos legais.

Percebe-se, nos conceitos apresentados pelos diversos pesquisadores, que há uma variedade de ponto de vista para definir o termo *fake news* e o fenômeno que representa. Por isso, considerando que o uso do termo *fake news* é controverso, pois a definição da expressão não é uniforme na literatura, a distinção de *disinformation* (informação falsa com intenção de causar danos), feita por Wardle e Derakhshan (2017) no caos desinformativo, emerge como mais assertiva para tratar publicações noticiosas consideradas *fake news*.

A desordem da informação conta com atores e mecanismos diversos para seu funcionamento, podendo ser mobilizada tanto por agentes humanos, que têm motivações

diversas para produzirem e disseminarem *fake news*, como por agentes não humanos, tais quais os *bots*, um software planejado para imitar ações humanas e compartilhar *fake news* em sites de redes sociais. É difícil discernir a motivação para criação de uma notícia falsa. Pode-se alimentar uma polêmica ou atrair o internauta para um site monetizado, por exemplo, por meio do tecnogesto discursivo do clique, apontado por Paveau (2021) como característica da escrita digital. Logo, nem sempre o conteúdo de uma *fake news* é o mais importante, mas os objetivos que a movem, seja monetizar uma página por meio do aumento exponencial dos cliques, seja criar imagens de algo ou alguém para influir em tomadas de decisão, por exemplo.

Apoiados nos estudos das ciências sociais e da psicologia, Shu et al. (2017) explicam o impacto das *fake news* nos usuários de plataformas digitais. Pelos fundamentos da psicologia, os autores explicam que as pessoas são incapazes de diferenciar exatamente informações verdadeiras das falsas devido a dois fatores intrinsecamente humanos denominados de (1) *Naïve realism* (Realismo ingênuo), em que os consumidores tendem a acreditar que suas percepções da realidade são as únicas visões corretas, enquanto outros que discordam são considerados desinformados, irracionais ou maliciosos; e (2) *Confirmation Bias* (Viés de Confirmação), pelo qual os consumidores preferem receber informações que confirmem as opiniões já sedimentadas no seu sistema.

Os autores ainda analisam as principais características das *fake news* divulgadas nas redes sociais como similares às características das notícias tradicionais falsas, e distinguem-nas em dois tipos, as contas maliciosas para disseminarem propagandas e as contas produtoras de efeito câmara de eco. As primeiras são registradas por humanos com perfis falsos que definem programas automatizados (*bots*, *ciborgues* e *trolls*) para realizar atividades nas mídias sociais, como o compartilhamento de *fake news*. As segundas são geradas a partir do novo paradigma de criação e consumo de informações em que o processo de busca de notícias pelos usuários é de forma mais desintermediada, e os usuários são seletivamente expostos a certos tipos de informação por causa da forma como o *feed* de notícias aparece em sua página inicial nas mídias sociais.

Fatores psicológicos como a credibilidade social (muitas pessoas percebem a fonte como crível) e frequência heurística (aumento da exposição a determinadas ideias) são recursos mais produtivos e efetivos para a construção de pertencimento a um grupo social que defende um mesmo ideal. Assim, a força da narrativa da *fake news* parece estar centrada no que Charaudeau (2007) chama de visada patêmica, cujos efeitos de construção de sentidos se

apoiam no poder das crenças consolidadas (Charaudeau, 2007, 2022), o que, por sua vez, estimula o compartilhamento das postagens.

Neste artigo, usa-se o termo *fake news* para designar qualquer publicação com informação que não seja verdadeira, no sentido de comprovação de fatos, seja ela totalmente fabricada, parcialmente alterada, manipulada ou retirada de seu contexto original. Além disso, a dificuldade de identificar e definir o que é verdadeiro ou falso em informações é um trabalho árduo e tortuoso, portanto, a definição de uma informação ser *fake news* está vinculada à checagem feita por agências de verificação de fatos. Concebem-se agências de checagem de notícias como empresas jornalísticas dotadas de profissionais da área com técnicas especiais de verificação de fatos antes de noticiá-los ao grande público e equipadas com recursos e ferramentas tecnológicos que permitem investigação mais detalhada da legitimidade das publicações *on-line*. Portanto, embora não isentas de julgamentos idiossincráticos, as agências checadoras têm sido consideradas legítimas para classificar o que é *fake news* ou não de acordo com seus métodos de análise divulgados em suas páginas.

Atuando na linha de combate à disseminação de *fake news*, o trabalho das agências tem sido desafiador ante a imensurabilidade de postagens feitas na internet. Pode-se afirmar que as *fake news* têm sido privilegiadas pela multiplicidade de fontes de informação e pela descentralização dos meios de comunicação graças à internet. Aliada aos elementos tecnológicos, a produção e divulgação de *fake news* se situa num complexo contexto que fragmenta os processos políticos na esfera pública, configurando-se como risco concreto à democracia, ao violar o direito constitucional à informação e à liberdade de expressão. Em princípio, é difícil discernir a motivação para criação de uma *fake news*. Pode-se alimentar uma polêmica, reivindicando poder sociopolítico, ou atrair o internauta para um *site* monetizado, acumulando capital financeiro por meio da clicabilidade de um *link*, ou seja, ao que parece, nem sempre o conteúdo de uma postagem de notícia falsa é o mais relevante, mas a motivação por trás da produção e difusão desse tecnogênero, que pode estar explícita ou implícita na enunciação. Portanto, exige do escritor habilidades para além do conhecimento linguístico da língua, como compreender a funcionalidade dos elementos que possibilitam a existência dos textos digitais.

As *fake news* digitais são práticas comunicativas sociodiscursivas, cuja estrutura composicional é determinada pela escrita digital, ou seja, embora invisíveis aos usuários, as marcas específicas de seus modos de produção, detalhadas na próxima seção, exigem dos escritores o conhecimento tanto dos dispositivos de escrita como da cultura digital.

(PAVEAU, 2021). Isso justifica que a abordagem desses textos assuma uma investigação simétrica, inscrita na opção teórica da ADD de que máquina e humano coconstroem os enunciados, ou seja, que “os discursos nativos digitais não são de ordem puramente linguageira”, mas vinculados às determinações técnicas em igualdade de importância, e não mais em uma oposição (PAVEAU, 2021, p. 31).

Portanto, no que tange à leitura e à escrita digital é preciso considerar não somente as funções dos elementos linguísticos no ecossistema como também a possibilidade de realizar vários percursos de leitura e, conseqüentemente, construir outros sentidos e outros textos, num gesto de escrita permeado de intencionalidade.

Aspectos da escrita dos tecnôgenos

A noção de escrita está fundamentada na operação simétrica que o leitor faz com o texto, ao navegar na internet, no plano textual, simultaneamente, semântico e técnico, no espaço digital, por meio de um enunciado de gesto: o clique. Diz respeito à imprevisibilidade formal dos discursos digitais, já que a ativação da (aparente) escrita textual linear do locutor-escritor em suas contas digitais pode não seguir o percurso planejado por ele. Em outras palavras, a “maneira como o escritor escolherá ‘fazer o texto’ (Adam, 2015) com a produção que ele manipula, deixando-a pra (sic) voltar a ela ou, pelo contrário, para nunca mais voltar, está fora das previsões possíveis do escritor” (PAVEAU, 2021, p. 250).

Geralmente instigados por ferramentas e recursos de natureza informática, os elementos tecnolinguísticos provocam reflexões sobre questões de escrita e de construção de sentidos, como já enfatizado por Paveau (2021), considerando que a produção e a recepção do enunciado se dão sobre uma matéria linguística não fixa. Como exemplo, a deslinearização é potencializada pelo *hiperlink* no corpo do texto, que, quando clicado, conduz o leitor a outros textos dispersos na *web*, tocando na questão da ampliação por hipertextualidade.

Diante das dificuldades causadas ao leitor, como pesquisas na *web* cheia de armadilhas que levam o pesquisador ao esquecimento do foco inicial de busca, têm feito emergir novas formas de interface das plataformas digitais. De acordo com Paveau (2021), a obsolescência do *hiperlink* (hipertexto) têm cedido espaço para fios cronológicos, linha do tempo das redes sociais e, especialmente, ao *design* de páginas únicas, na qual os dados de um mesmo *site* são encapsulados fluidamente.

Destaca-se, entretanto, que as possibilidades do universo digital estão sujeitas, para além das restrições algorítmicas, às escolhas do usuário. A responsabilidade enunciativa dos autores e coautores no ambiente da *web* dialoga com a concepção discursiva que compreende as escolhas linguísticas e tecnolinguageiras como opções do internauta (PAVEAU, 2021), bem como a responsabilidade das ações dos interlocutores a partir de suas crenças e tomada de decisão (CHARAUDEAU, 2022). A responsabilidade do sujeito sobre suas enunciações no espaço público digital concerne às decisões dos internautas sobre o que publicar, curtir e compartilhar em sua rede social, o que permite associar o espaço discursivo das redes sociais digitais à polarização dos debates e polêmicas que ali acontecem. Tais embates são difíceis de identificar, no discurso polêmico (Amossy, 2017), sem incluir a interação polêmica, mas possíveis desde que tenhamos um olhar atento às sutilezas linguísticas e aos gestos tecnodiscursivos. Como textos curtos, as *fake news* publicadas como tuítes contam com recursos específicos do ambiente *on-line* inserindo, no corpo do texto, palavras ou imagens clicáveis que induzem os internautas a buscarem novas leituras que possam ampliar o conteúdo sumarizado no texto original, a fim de contextualizarem o tema da postagem ou ainda induzirem a escrita de outros discursos que reforcem a motivação da difusão do texto original, tais quais monetizar páginas em parceria e fomentar crenças de grupo.

Fazem parte das escolhas dos enunciadores os modos de construir os sentidos dos objetos de discurso salientes nos enunciados por processos de referenciação, de intertextualidade e de efeitos de patemização. Como reelaboração da realidade, de modo negociado e a partir de procedimentos sociocognitivos, a referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003) é responsável pelo processo de construção, categorização e recategorização dos objetos de discurso, elementos fundamentais na construção dos sentidos textuais. Para tanto, o sentido é coconstruído tanto por elementos cotextuais, numa relação de copresença, como por elementos contextuais, numa relação extralinguística. De modo semelhante, a intertextualidade se dá na interação entre interlocutores. O sentido é coconstruído pela projeção feita pelo autor, que pode ser recriada pelo interlocutor a partir de suas vivências e de seu reconhecimento ou não das pistas contidas no texto, seja por meio alusivo ou marcado por categorias linguísticas na materialidade do texto ou por inferências a partir de conhecimentos compartilhados. Ressalta-se que, apesar de o locutor não ter controle dos efeitos de sentido, o interlocutor é regido por indícios do texto para elaborar sua compreensão do dito e do não dito, como cidadão contemporâneo e ciente da doxa em circulação na sociedade.

Na perspectiva de que os dois processos, de referenciação e de intertextualidade, acionam possibilidades de sentidos, entende-se que a construção de efeitos patêmicos a eles se relacionam. Para Charaudeau (2007), a visada patêmica concerne ao tratamento do uso do aspecto emocional nos enunciados como um efeito possível, visado, e não como garantido. Por isso propõe observar como as emoções são construídas e comunicadas no discurso, o que envolve analisar como elas são utilizadas e interpretadas em contextos específicos. Nesse viés, as emoções deixam de ser verificadas como experiências pessoais, dando lugar à visada patêmica, que enfatiza como as emoções são usadas de forma estratégica para influenciar o público e alcançar objetivos retóricos, ou não.

Uma análise do patêmico deve considerar os aspectos do universo nos quais as práticas comunicativas acontecem compreendidos pela situação de comunicação, os saberes partilhados e as estratégias discursivas mobilizadas no contexto da enunciação. Isso permite compreender os diversos efeitos possíveis de um mesmo enunciado acessível a interlocutores com saberes, crenças e valores diferentes. Como uma categoria de efeito patêmico, é no discurso que as marcas de patemização podem ser observadas pelo uso de certas palavras com carga semântica emocional ou pelo emprego de palavras neutras, no sentido de ausência de carga emocional. No ambiente digital, conforme já afirmado neste artigo, aspectos linguísticos e tecnológicos são considerados, equitativamente, parte desse universo da situação de comunicação. Logo, os gestos discursivos permitidos pelos botões de relacionabilidade das redes sociais são marcas que revelam, inclusive, a visada patêmica.

Análise de uma *fake news*

A despeito da imensurável produção enunciativa na internet, elege-se a pesquisa amostral tendo como objeto os elementos languageiros e todo o ambiente em que estão inscritos (PAVEAU, 2021) para analisar uma *fake news* e algumas relações que emergem da sua publicação. Nessa abordagem analítica, a investigação tem caráter descritivo-interpretativo, apresentando uma breve reflexão sobre as estratégias argumentativas empregadas pelo enunciador-autor, como processos de referenciação, intertextualidade e visada patêmica em interdependência com os conceitos tecnodiscursivos de relacionabilidade, ampliação e deslinearização.

O desenvolvimento da análise se move considerando dois pontos consequentes um do outro: a descrição e a interpretação. Num primeiro movimento, descreve-se particularidades

dos textos digitais observados na amostra, na medida em que se busca, interpretativamente, estender a eles as propriedades postuladas para os textos pré-digitais, apontando possíveis reconfigurações das noções de categorias de textualização dos discursos produzidos em ambientes conectados.

Dito isso, a *fake news* a seguir pretende ser representativa desse funcionamento tecnodiscursivo, nos quais serão observados como elementos linguísticos e informáticos dos tecnodiscursos cofuncionam para a construção dos sentidos de *fake news* publicadas no X, e reflete, conseqüentemente, quais habilidades são acionadas para leitura e escrita de textos nativos do ambiente digital.

Exemplo:



Fonte: captura de tela da conta no ex-Twitter. @Jeffersonvcell¹

Transcrição:

#Dia25EuVou

Esquerda tbm vai (emoji de cinco bandeiras triangulares).

As torcidas organizadas do São Paulo, Corinthians, Palmeiras e Santos vão se reunir na Paulista em prol da democracia no mesmo dia em que o golpista inelegível marcou manifestação pelo medo da prisão.

A postagem foi publicada em 13 de fevereiro de 2024, numa conta do X, de perfil aberto, e até o final do dia 15 do mesmo mês e ano contava com quase noventa mil visualizações, 743

¹ Jeferson. [#Dia25EuVou]. 13 Fev. 2024. X: @Jeffersonvcell. Disponível em: <https://twitter.com/Jeffersonvcell/status/1757492694660649222>. Acesso em: 15 fev. 2023.

comentários-resposta, 914 de reportagens e 3,7 mil curtidas. Com o pseudônimo “Jeferson”, o enunciador explora a prática comum na internet que permite não revelar sua identidade real (seu nome de batismo) e cria uma imagem de si elaborando seu perfil de usuário com elementos que parecem remeter aos apoiadores do ex-presidente Bolsonaro, mas, quando lidos com atenção, revelam que foram ressignificados. Ao fundo, vê-se uma faixa com foto estilizada da bandeira do Brasil seguida da frase “perdeu mané não amola”, enunciado replicado de outro contexto de enunciação, feita por um agente público após resultado da eleição presidencial brasileira de 2022. A descrição na bio, “aqui bolsominion não se cria ! tá ok”, cuja expressão de confirmação (“tá ok”) é uma imitação irônica do estilo de fala do ex-presidente brasileiro Bolsonaro, marca o posicionamento político-ideológico do usuário da conta e dá pistas para possíveis assuntos de suas publicações. Estar seguindo 11,9 mil perfis e sendo seguido por 11,5 usuários são dados importantes para a leitura da notícia que foi publicada no dia 13 de fevereiro de 2023, pois é possível estimar o alcance de visibilidade das postagens.

De acordo com reportagem da agência de verificação Aos Fatos (LOBATO, 2024), essa publicação é *fake news* por informar que quatro torcidas organizadas de clubes de futebol paulista vão se reunir na Avenida Paulista, na capital de São Paulo, o que foi checado com as associações de torcedores dos clubes citados. Mesclando informações verdadeiras com falsas, a *fake news*, além de enganar, é elaborada por um enunciador que se coloca como se fosse porta-voz das agremiações mencionadas. A informação verdadeira da postagem se refere ao ato público convocado por Jair Messias Bolsonaro, ex-presidente do Brasil, no mesmo dia e local em que supostamente as torcidas organizadas iriam se reunir. Com a manipulação da informação, busca-se causar impacto sobre internautas e obter um resultado político, favorável ao seu posicionamento, mas podendo acirrar a disputa com seus adversários.

Ao emular uma notícia de interesse de um nicho público, os paulistanos, o enunciador-locutor deixa indícios de seu ponto de vista sobre os objetos de discurso, registrados em caixa alta, “GOLPISTA INELEGÍVEL” e “MEDO DA PRISÃO”. Embora sem ancoragem explícita no contexto, os objetos de discurso são recuperados pelos acontecimentos recentes na política brasileira, em que estão em curso investigações sobre o conhecido ato do 08/01 e implicações com Bolsonaro. O processo de referenciação para as expressões em destaque com maiúscula é construído pela associação ao dia em que a sede dos Três Poderes, em Brasília, foi vandalizada como forma de negar os resultados da eleição de 2022 e tentar impedir a posse do novo presidente eleito pelo voto popular. Tais marcações deixam entrever de que lado do polo esquerda-direita política o enunciador se posiciona, em especial com o objeto de discurso

“golpista inelegível” que abala a reputação de Jair Bolsonaro e indica o ponto de vista do enunciador-locutor.

A referência a Bolsonaro é feita pela perífrase que introduz o objeto de discurso “golpista inelegível”, ante o conhecimento prévio da narrativa sobre tentativa de golpe do ex-presidente e seus apoiadores e da situação de inelegibilidade, pelos próximos oito anos, decidida pelo Tribunal Superior Eleitoral. Associado a esse cenário de golpe, está a eventual prisão de Bolsonaro, de acordo com estimativas de especialistas que acompanham o desenrolar dos processos em curso enfrentados pelo ex-chefe de estado.

A construção dos efeitos de sentidos por meio do processo de referenciação mencionado é amplificada pela intertextualidade ampla (CARVALHO, 2018), já que dialoga com outros textos, em especial com a convocação para a manifestação na Paulista. Em vídeo gravado para ser difundido nas plataformas *on-line*, Bolsonaro² faz um chamamento para seus apoiadores comparecerem em data, hora e local específicos. Tanto o vídeo quanto seu conteúdo parafraseado na modalidade escrita permeiam o universo digital, sendo facilmente recuperável, já que, nesse ambiente reticular, tem natureza investigável e relacional.

Uma possibilidade para marcar a intertextualidade com outros textos parece ser indicada pela *hashtag* #Dia25EuVou, pois, ao ser clicada, conduz o escritor a textos de outro espaço discursivo cujo conteúdo se assemelha por afinidade temática e pode divergir no foco dado ao assunto. Contudo, muitos desses textos encontrados em agrupamento por fio na plataforma (relacionabilidade) foram enunciados em datas posteriores, fato que aponta para a necessidade de repensar os tipos de intertextualidade considerados na literatura pré-digital, especialmente a se relacionar a textos anteriores, um já-dito. Na verdade, o *hiperlink* mantém relação entre textos, pois exerce, no meio digital, função remissiva que leva a um novo texto, expandindo o conteúdo do texto-fonte. Esse movimento pode ser entendido como realização concreta de uma “tecointertextualidade ampla”, por, claramente, remeter um texto a outros textos digitais, apesar de não necessariamente conectar ao texto original. Logo, a inserção manual desse segmento linguístico seguido do signo # deve ser lido como um elemento tecnolinguageiro, ao qual voltaremos nesta análise.

Os procedimentos de leitura do tecnotexto do Exemplo seguem as estratégias usadas nos textos pré-digitais, tal qual observar os atores sociais envolvidos, o contexto espaço-temporal e o propósito comunicativo. No ambiente digital, outros elementos tecnológicos são

² O vídeo pode ser conferido no perfil de Jair M. Bolsonaro da conta no X @jairbolsonaro. Disponível em <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1758504757130399974>. Acesso em: 19 fev. 2024.

igualmente parte do quadro enunciativo, como as possibilidades recursivas da rede social X, tais quais pseudônimos, emojis, *hashtags* e botões de relacionamento.

Composta por texto verbal e imagens estáticas (emojis e arte com as bandeiras das quatro torcidas organizadas a que o texto se refere), a publicação explora a composição visual do tuíte para chamar a atenção dos seguidores para uma informação que julga importante. Associada ao signo #, a sequência linguageira Dia25EuVou se transforma numa *tag* clicável, que permite acessar um fio no qual outros enunciados com a mesma *hashtag* estão agrupados. (PAVEAU, 2021).

A estrutura configura um dos modos de relacionabilidade hipertextual da *web* que põe os tecnodiscursos em relação. Nesse exemplo, a *hashtag* tem função intertextual — que conecta outros textos com ideias (discursos), explícitas ou implícitas, apropriadas de outras configurações textuais —, ao sinalizar a que outro evento de comunicação estava respondendo. Ao clicar na *hashtag* #Dia25EuVou, o usuário é direcionado aos enunciados e suas variantes que compartilham o convite do ex-presidente Bolsonaro para um ato público na Avenida Paulista, no dia 25 de fevereiro de 2023. O ato de escriteira do usuário-interlocutor é deslinearizado, uma possibilidade exclusiva do ambiente conectado, uma vez que é direcionado a outros espaços discursivos digitais. A um clique, o escriteiro pode confrontar os diferentes posicionamentos, tanto em relação aos sentidos construídos pelo segmento linguageiro #Dia25EuVou quanto em relação aos propósitos comunicativos de cada enunciado agrupado no fio documentarizado na plataforma.

Além disso, essa *hashtag* não só reúne esse tuíte a outros textos que usam a mesma *hashtag*, como também estabelece uma alusão ampla pela remissão a vários textos que confirmam a informação verdadeira (uma ação convocada por Bolsonaro, na Paulista, dia 25 de fevereiro) e repercutem a relação de oposição ao movimento e ao próprio Bolsonaro. Essa intertextualidade se refere, portanto, aos discursos midiáticos e políticos que repercutiram a convocação. Nota-se que a tecointertextualidade por alusão ampla concretizada pelo uso da *hashtag* #Dia25EuVou cumpre o propósito de dar credibilidade à *fake news* e atingir as mentes e corações dos internautas que possam considerar os motivos do ato público convocado, explicitados no conjunto de textos ligados pelo fio da *hashtag*, como uma afronta ao estado democrático de direito, o que os mobilizariam a comparecer, como opositores, ao evento em destaque.

Esse exercício de deslinearização revela os propósitos comunicativos do enunciador-interlocutor do Exemplo e se torna mais evidente com o segundo trecho da postagem: “A esquerda

tbm vai”, finalizado por cinco emojis de bandeira triangular vermelha, o que pode indiciar a que auditório se dirige, a despeito de sua postagem estar com visualização aberta ao público. Embora a sentença seja afirmativa, pode provocar efeitos de sentido de convocação para um confronto com o adversário político, que é iniciado verbalmente no ambiente digital, ao dizer: “em prol da democracia no mesmo dia em que o golpista inelegível marcou manifestação pelo medo da prisão”. É um enunciado eivado de opiniões que coloca em choque as concepções sobre democracia das linhas políticas esquerda e direita.

Ao categorizar Bolsonaro (implicitamente posto) como golpista, o enunciador-locutor desqualifica a pessoa, de forma violenta, pois usa uma palavra com carga semântica pejorativa, e acaba por indiciar uma polarização, no sentido de que se há um grupo social que defende que não houve golpe, fraude nas eleições, há um outro que defende a fraude nas eleições de 2022 a ponto de transpor a violência verbal para a violência física e patrimonial, como aconteceu no 08/01. Admirado por inúmeros brasileiros, a referência desqualificadora golpista e medroso na publicação pode permitir a construção de efeitos de sentidos com visada patêmica, especialmente para os apoiadores de Bolsonaro, ao mesmo tempo em que suscita a polarização política que assola o Brasil.

Os efeitos de sentidos de visada patêmica também podem ser construídos pelo acesso à memória dos interlocutores do que acontece quando as “torcidas organizadas do São Paulo, Corinthians, Palmeiras e Santos” se encontram. Reiteradamente noticiadas, as torcidas organizadas paulistas, compostas por fanáticos do futebol, protagonizam atos de violência nos estádios e fora dele. Logo, a suposta confirmação das quatro maiores torcidas organizadas de São Paulo estimula o engajamento dos internautas torcedores e, simultaneamente, permite estimar que o ato na Paulista será, possivelmente, local de embate violento, físico e verbal.

A possibilidade de que a *fake news* em tela seja credível é fortalecida pelo alto nível de engajamento conquistado na rede. Isso porque a verificação de tantas postagens semelhantes estarem acessíveis aos usuários cria a falsa certeza de que é verdadeira, pois há várias “fontes” divulgando a mesma informação. Por sua vez, as milhares de interações acontecem por muitos seguidores do perfil comungarem de suas crenças, o que os faz tomarem decisões de compartilhar, curtir e responder para que mais pessoas sejam alcançadas e os propósitos do dizer enunciado sejam bem-sucedidos. A força de engajar usuários é percebida na quantidade de visualizações (89,9 mil até 16h51 de 13 de fevereiro de 2023), de comentários-resposta (743), de reportagens (914) e de curtidas (3,7 mil), interface da plataforma que torna possível a ampliação do texto original, por meio das centenas de comentários-resposta e reportagens.

Por sua vez, a manifestação de emoções de aprovação é marcada por milhares de curtidas, como as registradas na postagem, e outras marcadas nos compartilhamentos. Ao clicar nos três pontos, no canto superior direito da postagem, é possível verificar percursos de escrita individuais, seguindo a opção “ver compromissos pós-publicação”, que dão origem, considerando-se cada internauta, a um novo ciclo de interações com seus seguidores que também comentam, curtem e compartilham. Pode-se dizer que, reticularmente, as *fake news* ganham força no ambiente digital com alcance de disseminação e tomadas de decisão imensuráveis.

Considerações finais

A metodologia de interface entre LT e ADD na busca de interpretação das marcas de construção dos efeitos de sentido durante o percurso de escrita da *fake news* amostral permite constatar que os textos difundidos no ambiente digital contam, equanimemente, com recursos linguageiros e tecnológicos para mobilizar a textualização dos tecnôgenos. Pela facilidade do clique, os internautas interagem e coconstroem os discursos, ora manifestando reações de acordo, pelas curtidas, ora de adesão militante ao enunciado e ao enunciador, compartilhando.

Os processos de referenciação contam com o acionamento dos interlocutores aos seus conhecimentos prévios sobre o que está em pauta, haja vista o espaço reduzido de produção textual liberado na janela de escrita da plataforma de rede social. Servem-se ainda das características tecnodiscursivas para que os gestos enunciativos do ambiente digital sejam clicados, como as *hashtags* e as possibilidades de escrita do fio que leva a outras produções que versam sobre conteúdo semelhante, para melhor explicitar a que se refere. Esse modo de conexão pode acontecer pela referência intertextual, embora nem sempre o ato de clivagem leva a um processo intertextual.

A intertextualidade no tecnodiscurso aponta para a preponderância do modo amplo, já que, geralmente, o discurso ao qual se liga não vem marcado textualmente. No exemplo analisado, a escolha do enunciador-locutor foi a inserção manual da *hashtag* que direcionada a diversas postagens sobre o ato público ao que afirma, em sua própria postagem, que a esquerda também vai. O tuíte analisado revela a *hashtag* como um recurso tecnolinguageiro que evidencia um processo intertextual de alusão ampla ao retomar diversos textos que confirmam o fato verdadeiro da *fake news*, mas também posicionamentos políticos que podem induzir

modos de ver, sentir e agir nos internautas. Assim, no contexto de produção textual na rede social X, ex-Twitter, a construção dos sentidos sob o ponto de vista do enunciador-locutor pode ser também mobilizada pela tecointertextualidade ampla a partir da *hashtag*.

Os efeitos de sentidos de visada patêmica, por sua vez, têm sua construção condicionada à crença de cada interlocutor e pode ser estimulada pela presença de palavras com carga semântica negativa ou pelo conhecimento de saber e de experienciar certas situações evocadas, ainda que implicitamente, pela organização textual feita pelo enunciador-locutor.

Com isso, entende-se que há muito a ser investigado sobre o ato de ler e escrever no ambiente digital, especialmente sobre noções de textualização que sustentam a coerência da escrita para a garantia de compreensão da informação, distinguindo o que é falso do que é verdadeiro nas postagens, buscando detalhar a notícia pelo ato de escrita. Há que se considerar ainda que as discussões preliminares aqui apresentadas indicam a necessidade de investigações sobre a escrita em trabalhos futuros, especialmente sobre as relações de sentidos provocadas pelos processos de referenciação e de intertextualidade.

Referências

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Coordenação da tradução: Monica Magalhães Cavalcante. Tradução: Rosalice Botelho Walkim Souza Pinto *et al.* São Paulo: Contexto, 2017.

BENTES, Anna Christina; SOUZA-SANTOS, José Elderson de. Fake news como produção textual disruptiva: os abalos nos campos sociais. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 65, n. 00, p. 023014, 2023. DOI: 10.20396/cel.v65i00.8673341. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8673341>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CARVALHO, Ana Paula Lima de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 135 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade**. Tradução: Dóris de Arruda C. da Cunha e André Luís de Araújo. São Paulo: Contexto, 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. *In*: MENDES, Emília; Machado Ida Lúcia (org.). **As emoções no discurso**. Campinas: Mercado Letras, 2007. Disponível em: <http://www.patrick-charauveau.com/A-patemizacao-na-televisao-como.html>. Acesso em: 14 ago. 2023.

COSTA, Júlia Lourenço; BARONAS, Roberto Leiser. Apresentação da edição brasileira. *In*: PAVEAU, Marie-Ann. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes, 2021.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Referenciação intertextual: análise da construção de objetos de discurso em narrativas com episódios. **ReVEL**, v. 13, n. 25, p. 256-277, 2015.

ELIAS, Vanda Maria; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Linguística textual e estudos do hipertexto: focalizando o contexto e a coerência. *In*: CAPISTRANO JUNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria (org.). **Linguística textual**: diálogos interdisciplinares. São Paulo: Labrador, 2017.

FAKE NEWS. *In*: DICIONÁRIO Merriam-Webster. “The Real Story of ‘Fake News’”, 23 mar. 2017. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/the-real-story-of-fake-news>: Acesso em: 2 out. 2022.

LOBATO, Gisele. É falso que torcidas organizadas farão ato pró-democracia durante manifestação convocada por Bolsonaro. **Aos Fatos**. 15 fev. 2024. Disponível em: https://www.aosfatos.org/noticias/falso-torcidas-organizadas-ato-democracia-manifestacao-bolsonaro/?utm_source=aosfatos&utm_campaign=c95aadd946-EMAIL_CAMPAIGN_2024_02_15_09_30&utm_medium=email&utm_term=0_b221809dd3-c95aadd946-%5BLIST_EMAIL_ID%5D. Acesso em: 15 fev. 2024.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. *In*: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

PAVEAU, Marie-Ann. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes, 2021.

SHU, Kai; SILVA, Amy; WANG, Suhan; TANG, Jiliang; LIU, Huan. **Fake News detection on Social Media**: a data mining perspective. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342754515_The_Future_of_False_Information_Detection_on_Social_Media_New_Perspectives_and_Trends. Acesso em: 14 jun. 2021.

TANDOC Jr., Edson C.; LIM, Zheng Wei; LING, Richard. Defining ‘Fake News’: A Typology of Scholarly Definitions. **Digital Journalism**, v. 6, n. 2, p. 137-153, 2018. Disponível em: https://resolver.scholarsportal.info/resolve/21670811/v06i0002/137_dn.xml. Acesso em: 12 abr. 2021.

Agradecimento: o presente trabalho faz parte da pesquisa de doutorado em andamento com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Data de submissão do artigo: 28 de fevereiro de 2023.